



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16499 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 12 - Currículo

A ESTÉTICA DA FALTA, CONTROLE E DESPERDÍCIO DA EXPERIÊNCIA
Leonardo Santos de Albuquerque Junior - SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Esse resumo é orientado com base em noções do campo das pesquisas com os cotidianos que entende a necessidade de pesquisar o currículo como produção cotidiana (GARCIA, 2015) com todos os sentidos, por poéticas que possibilitem a dimensão estética (RANCIÈRE, 2021) em que os corpos produzam presença (GUMBRECHT, 2010) se afirmando como parte constituinte das redes de saberes no cotidiano escolar como experiências ordinárias (CERTEAU, 2014). Nesse sentido, para problematizar o que nomeio de estética da falta busco abordar que a representação (GOFFMAN, 2003) demeritória da escola se vale de experiências que buscam enquadrar tudo sob uma ótica inestética. A falta vai ser pretexto para o controle e dessa forma alimentar práticas que dinamizam o desperdício da experiência (SANTOS, 2000). A estética da falta produz movimentos que invisibilizam e até inviabilizam um currículo produzido tendo como base as especificidades do cotidiano. Me baseando pela sociologia das ausências (SANTOS, 2006) defendo a desinvisibilização em nossos encontros onde precisamos praticar relações mais associativa em espaços tempos onde todos devem ser compartilhantes (BISPO DOS SANTOS, 2023) de experiências e saberes que surgem no cotidiano, pois acredito que esses saberes possibilitam outras produções de sentido em relação ao que é representado como falta no espaço e tempo do cotidiano escolar. Essas práticas que acontecem no dia a dia nos possibilitam recriações do possível como modo de suplantar desalentos representados pelo espectro da falta.

Para problematizar a estética da falta questiono como a falta se alimenta de observações enviesadas que buscam um viés de Confirmação daquilo que se procura a priori, é a representação social daquilo que se busca encontrar, na ideia de escola e estudantes que vem antes da coisa em si. Trago para esse resumo um dado referente ao CIEP que trabalho e pesquiso em Duque de Caxias e também ao uniforme dos estudantes da SEEDUC-RJ. O

CIEP carrega sempre aquele slogan antigo, “*Brizolão entra burro e sai ladrão*”, e em relação ao uniforme problematizo a seguinte frase, “*qual é o menor presidio do mundo?*”. O CIEP na periferia já carrega em seus espaços a visão demeritória de baixa qualidade em seu nome e o uniforme traz em suas características. Problematizar a visão demeritória do CIEP como espaço de ocupação dos corpos e o uniforme como o espaço de representação do corpo é problematizar que a estética da falta, a inestética, reside na busca pelo que é impróprio, mal-parecido em relação ao que se pensa por boa escola, naquilo que é percebido como disforme nesse espaço, no modo como se desvia o olhar para enquadrar a escola e as pessoas que se encontram nesse espaço tempo como inapropriados. Esses espaços vão ser alvo da busca apriorística que justifique qualquer coisa que se constitua como experiências sociais demeritória.

É obvio que como profissional da educação sabemos o que falta, mas a questão é o que podemos mobilizar com o que temos? Um currículo que não percebe essas características vai corroborar com a estética da falta e se alimentar diariamente a visão demeritória tanto dos profissionais da educação pública popular de periferia quanto dos estudantes. Atuar por meio da falta desestimula práticas colaborativas em um espaço tempo em que muito do que é vivido, das experiências que são produzidas, vai sendo desperdiçado cotidianamente na escola. Se tudo falta em um espaço lotado de pessoas, a única saída é manter-se revestido de uma ideia de ordem, está-se encontra no enquadramento de um todo que surge diante de si. A falta produz controle, pois diante da representação de precariedade é preciso estar constantemente atento para promover desmobilizações dos corpos por meio de vários instrumentos disciplinares.

Precisamos partir dos múltiplos encontros diários com as pessoas que a frequentam, suas singularidades e especificidades, por narrativas que contrariam a ideia de falta afirmando e produzindo presença. Precisamos partir por vivências que são práticas que dão sentido a vida das pessoas que convivem nesse espaço e tempo, por isso precisam ser compartilhadas coletivamente, não podem ser encaradas como residuais. Desse modo, ao assumirmos que somos compartilhantes de saberes e podemos diminuir o desperdício de experiências em nossos encontros no cotidiano escolar. Não estou propondo receitas de fácil execução, estou em sala de aula a quatorze anos, sei que tem dias que dá vontade de dar meia volta e sair correndo. Mas voltamos a cada dia, acredito que encontros colaborativos com estudantes e colegas profissionais da educação produzem relações qualitativas que tem no reconhecimento e no respeito pelas suas experiências de vidas um componente importante do currículo produzido no cotidiano escolar.

Palavras-chave: estética da falta, Controle, Desperdício da experiência, Currículo produzido, Compartilhantes.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. et al. (Orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis: DP et alii, 2015. v. 1, p. 289-304.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: cenas do regime estético da arte*. São Paulo: Editora 34, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____ (org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2007.